

Fenômenos de topicalização: o caso do alçamento de constituintes no PB¹

RESUMO

A linearização de constituintes argumentais e não-argumentais tem sido alvo de estudo na literatura linguística, com ênfase em dois aspectos: (i) a diferenciação entre construções marcadas e não-marcadas nas línguas e (ii) a identificação de fenômenos discursivo-pragmáticos e semântico-cognitivos que interfiram na codificação não-marcada, indicando constituintes que tenham alguma saliência cognitiva no contexto de representação. Para o PB, tem-se assumido que a ordem não-marcada é a SVO, frequentemente encontrada nas frases declarativas simples. Dessa forma, fenômenos, como a Topicalização, podem alterar essa ordenação, fazendo com que haja flexibilização na ordem SVO. Outros fatores também podem motivar, quais sejam: heranças linguísticas (e.g., línguas de contato), fenômenos morfossintáticos (e.g., a redução oracional e a colocação do sujeito em português) ou mesmo fenômenos funcionalmente motivados (e.g., Alçamento). Objetivamos, neste trabalho, identificar o fenômeno da Topicalização como motivador, a partir de um subtipo desse: o Alçamento. Pretendemos, com isso, localizar essas construções como sendo pragmaticamente motivadas, mostrando, com isso, a influência da pragmática na forma como o PB codifica os itens em sua ordenação de constituintes.

PALAVRAS-CHAVE: Alçamento de constituintes. Topicalização. Ordenação de constituintes.

Gustavo da Silva Andrade
andrade.ibilce@gmail.com
Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

INTRODUÇÃO

O plano sintático codifica, por meio da ordenação dos constituintes (argumentais ou não) as relações e as funções interpessoais e representacionais da linguagem (DIK, 1997a). Assim, a linearização é uma operação morfossintática, cujo objetivo é expressar, sintaticamente, expedientes pragmáticos e semânticos. Nesse enejo, há relação inequívoca entre a ordenação de constituintes e a expressão superficial que, em maior ou menor grau, codifica as relações subjacentes da linguagem. A ordenação não é uma propriedade da estrutura profunda, como previa o modelo gerativo-transformacional. Por essa razão, as estruturas subjacentes das orações não diferem no princípio geral de ordenação, sendo possível identificar regras gerais e aplicáveis a todas as línguas.

Dessa forma, inexistente uma única forma de ordenação dos constituintes, posta a existência de diversas funções pragmáticas e semânticas a serem marcadas. Portanto, Dik (1997a) afirma haver várias formas de ordenação para uma língua. Mesmo havendo princípios gerais de ordenação, não há um que seja único e que prevaleça, em detrimento dos demais: coexistem padrões selecionados pelo falante de acordo com seus propósitos comunicativos.

Tradicionalmente, as gramáticas compreendem a variação nos princípios de ordenação como mero elemento estilístico, sendo, simploriamente, diferenciada em termos de ordem direta ou indireta. Para Barbosa (1881), a ordem direta leva uma ordenação na qual o termo refere-se sucessivamente ao termo que o precede; enquanto a indireta implica alguma alteração nessa ordem, fazendo com que o sentido fique suspenso.

A ordenação nas línguas é ímpar, sendo possível afirmar que cada língua apresenta sua forma de ordenação, sem haver, contudo, uma escolha aleatória. Para Garcia (1982), a disposição dos elementos estaria condicionada ao fluxo de raciocínio, à sequenciação, à clareza na comunicação e à ênfase, aspecto que se destaca em nosso trabalho.

No português brasileiro (PB), a ordem direta constata na anteposição do sujeito ao verbo e da posposição dos complementos ao verbo. Cunha e Cintra (2008) afirmam que as inversões sintáticas servem à ênfase, ao realce e ao relevo, sendo tratadas como figuras de linguagem, mais especificamente como figuras de sintaxe (ou de construção), definidas por Azeredo (2008) como o desvio estilístico que ocorre na organização sintática.

Os gramáticos, como já se pode observar, relacionam estilo e ordenação, o que os leva a considerar apenas aspectos pragmáticos na codificação morfossintática das estruturas linguísticas. Compreender a gramática da língua à luz desses princípios mantém clara a relação com a compreensão da gramática organizada a partir das intenções comunicativas de um Falante, uma vez que a oração simples parece comunicar de maneira mais simples do que a complexa. Portanto, levando-se em consideração que é a intenção comunicativa do Falante e os significados atribuídos que governam a codificação morfossintática, poder-se-ia dizer que a Sintaxe é dependente da Semântica e da Pragmática.

Nesse sentido, o advento das teorias linguísticas tem levado-nos a considerar a linearização não mais como um elemento de estilo, mas sim como uma forma de classificar as línguas. Greenberg (1963) propõe uma tipologia sintática, cujo critério de separação é a forma como a língua lineariza o sujeito

(S), o verbo (V) e o objeto (O). A partir de uma análise de trinta línguas diferentes, o autor identificou três possibilidades, dentre as seis lógicas, que predominam nas línguas, a saber: VSO, SVO e SOV. A essas, associa aspectos morfossintáticos, como o uso de preposições ou de posposição, a posição do adjetivo e do genitivo em relação ao nome e o uso de partículas interrogativas e de auxiliares. Com base nessa tipologia, o PB é classificado como uma língua SVO, com preposição, na qual o genitivo e o adjetivo vêm pospostos ao nome.

Li e Thompson (1976) propõem uma classificação alternativa das línguas, com base na relação sujeito/predicado e tópico/comentário. Para os autores, haveria quatro tipos de línguas, a saber, (a) línguas com proeminência de sujeito, cuja estrutura das sentenças é descrita como de sujeito-predicado, e.g., as línguas indo-européias; (b) línguas com proeminência de tópico, nas quais a estrutura das sentenças é descrita como sendo de tópico-comentário, como o caso do chinês moderno; (c) línguas com proeminência de tópico e de sujeito, em que coexistem as duas construções, como o japonês; e, por fim, (d) línguas sem proeminência de sujeito ou de tópico, em que o sujeito e o tópico se mesclam e não se distinguem mais os dois tipos, como o tagalog.

A ordenação do tópico está relacionada à forma como os módulos linguísticos (Pragmática, Semântica, Morfossintaxe e Fonologia) e os módulos não-linguísticos (Contextual e Cognitivo responsáveis, respectivamente, pelas informações mais imediatas e situacionais e pelas informações de frames e de scripts comunicativos) interagem entre si. O tópico, por exemplo, atua na codificação de vários fenômenos de ordenação, dentre os quais se destaca o Alçamento, a ordenação de um constituinte da oração subordinada nos limites do predicado da oração matriz, em decorrência de sua funcionalidade tópica no discurso multiproposicional.

Pontes (1987) afirma que a função básica do tópico é salientar uma informação do enunciado que seja relevante para a situação comunicativa, como os exemplos de língua em uso, em (1).

- (1) a. **Os**livros_i, **eles**_i estão em cima da mesa (PONTES, 1987, p. 12).
b. **A**Maria_i, **essa**_i não quer nada com o serviço (PONTES, 1987, p. 12).
c. **Dessa**cerveja_i eu não bebo \emptyset _i(PONTES, 1987, p. 12).

Os exemplos em (1)³ apresentam, em negrito, itens ordenados fora de sua posição canônica, o que atestaria sua proeminência discursiva. As estruturas de tópico marcado, como apontam Li e Thompson (1976), diferenciam-se das sentenças SVO por apresentarem um elemento na periferia à esquerda da sentença, seguido por um comentário, que se caracteriza por ser uma sentença completa. O tópico tem o papel de anunciar (ou retomar) o tema do discurso e limitar o escopo de aplicação da sentença comentário; diferentemente do sujeito, o tópico não é um argumento selecionado pelo predador, i.e., não precisa ter qualquer relação com os predadores da sentença⁴.

Entretanto, devemos diferenciar, como apontam Hengeveld e Mackenzie (2008), construções tópicas e temáticas. Segundo os autores, o tópico é um termo oracional, enquanto o tema é um termo extraoracional, codificado fora

dos limites da predicação, separado, na escrita, por vírgula, como exemplificado em (1a,b). Dessa forma, construções em que o SN vem separado da predicação, podendo ser retomado nos limites oracionais por item correferente, configura-se como caso de tema. Outro teste que pode ser aplicado a essas construções é quanto à posição: temas podem ser codificados em posição pré ou pós-oracional, como exemplificado em (2a,b), reconstruções, respectivamente, de (1a,b).

- (2) a. **Eles_i** estão em cima da mesa, **os livros_i**;
b. **Essa_i** não quer nada com o serviço, **a Maria_i**;

Quanto ao exemplo (1c), considera-se o item como um tópico, mesmo que não prototípico, em decorrência da manutenção da preposição. Tal situação, faz-nos considerar a possibilidade de um tópico não prototípico, uma vez que, mesmo ocorrendo em posição inicial, posição destinada ao tópico (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), o SN mantém traços sintáticos de objeto partitivo.

Assumimos que o *tópico* é selecionado de acordo com sua relevância contextual para a comunicação. Qualquer item pode ser tópico, uma vez que a marcação como tópico é hierarquicamente superior às funções semântica e morfossintática. Os tópicos, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), são marcados como itens definidos e ocupam a posição inicial da oração.

A linearização dos itens nas orações, segundo Greenberg (1963), pode dar-se de duas formas: (i) não marcada, quando ocorre em orações simples (SVO), e (ii) marcada, quando ocorre em orações complexas⁵. Para o autor, a ordem de palavras, nas orações complexas, tende a conformar-se com a de orações simples. Entretanto, há uma flexibilidade prevista na ordenação, motivada por heranças linguísticas (e.g., línguas de contato), por fenômenos morfossintáticos (e.g., a redução oracional e a colocação do sujeito em português) ou mesmo por fenômenos funcionalmente motivados (e.g., Alçamento).

Objetivamos, neste trabalho, identificar o fenômeno da topicalização, a partir de um subtipo desse: o Alçamento. Para tanto, utilizaremos de amostras de língua falada, representativas do século XXI, compiladas pelo Bando de dados Iboruna⁶ (BDI), resultante de um censo linguístico realizado na região de São José do Rio Preto (SP), entre os anos de 2004 e 2006, e coletadas para a obtenção de diferentes tipos de textos: narrativa de experiência pessoal (NE), narrativa recontada (NR), relato de opinião (RO), relato de procedimento (RP) e descrição (DE) (GONÇALVES, 2007).

1. SOBRE O ALÇAMENTO NO PB

Especificamente para o Alçamento, Givón (2001a, p. 13) afirma que a *topicalidade* é uma, senão a mais importante, motivação. Para o autor, é a forma como os sintagmas nominais (SNs, de agora em diante) são codificados em *slots* sintáticos, assumindo a função de tópico primário (Sujeito) ou de tópico secundário (Objeto). Tanto a topicalidade, como a marcação de um SN como tópico têm a ver com o uso pragmático da ordenação de constituintes (GIVÓN, 2001a). Portanto, um SN é codificado em uma determinada posição em decorrência de seu grau de topicalidade.

Dessa forma, não é possível conceber a topicalidade como uma propriedade do nível da sentença, mas sim como uma propriedade do discurso. Entretanto, há que se considerar que, mesmo sendo uma propriedade do discurso, a topicalidade atua na codificação morfossintática, uma vez que SNs tópicos tendem a ocupar posições mais à esquerda e encontram restrições semânticas, quanto aos graus de agentividade e de animacidade. Ainda segundo o autor, a topicalidade está relacionada à recorrência do SN em um trecho do discurso multiproposicional, i.e., a recuperação anafórica do SN (*acessibilidade referencial*) e sua persistência catafórica (*importância temática*) são formas de identificar um SN como tópico.

Givón (2001b) afirma que o Alçamento ocorre quando o argumento de um verbo passa a relacionar-se sintaticamente com outro verbo, podendo ocorrer alçamento a Sujeito ou a Objeto. O termo alçado tem, pois, mais propriedades tópicas do que os termos não alçados, o que indica uma saliência desse SN dentro da oração. A noção de topicalização está diretamente associada à linearização dos constituintes na oração, fundamentada no princípio icônico da sequencialidade, especificamente no subprincípio de ordem e de importância. Nesse sentido, Brito, Duarte e Matos (2003) apontam a possibilidade de coincidência entre o tópico e o sujeito. Segundo as autoras, as sentenças seriam agrupadas em estruturas de tópico-comentário e estabelecem a distinção entre tópico marcado e tópico não-marcado. Sentenças de tópico não marcado são aquelas em que há coincidência entre o tópico e o sujeito, uma vez que o sujeito é o termo com mais propriedades tópicas no enunciado. Por sua vez, configuram-se como sentenças de tópico marcado aquelas nas quais não haja essa coincidência.

O tópico possui uma vinculação sintática com uma categoria vazia no interior do comentário, categoria que seria a posição canônica para a codificação do item topicalizado. A topicalização, portanto, é uma estratégia comum às línguas, apresentando diferenças com o sujeito. Se tomamos o exemplo em (3), o adjunto adverbial topicalizado perde suas propriedades de adjunto, servindo como cenário para a localização do comentário. Do ponto de vista estrutural, tem sua preposição apagada.

(3) [Paris]ieu não pago hotel Øi

(ORSINI, 2003)

Os tópicos, portanto, são sempre definidos e não precisam ter relação argumental com o predicado, possibilitando-nos afirmar que o verbo determinaria o sujeito, mas não o tópico. Além disso, aquele desencadeia relação de concordância no verbo, esse não. Além disso, o sujeito teria um papel semântico, marcado por uma função semântica, mas não o tópico, que tem apenas um papel funcional no discurso multiproposicional. A única semelhança, talvez, entre o tópico e o sujeito seria a posição inicial da frase: ocupada pelo sujeito, nas construções de tópico não marcado.

Se retomamos a definição proposta por Givón (2001b), vê-se o Alçamento relacionado à codificação de um SN, tomado como tópico dentro do discurso

multiproposicional, em posição de constituinte argumental do predicado da oração matriz. O exemplo em (4) ilustra tal inter-relação.

- (4) a. Doc.: então né?... como se faz... alguma coisa e:: eu já sei... o que é que **cê** vai me contá(r) ((fala rindo))... como se faz é:: pra cuidá(r) de tanta planta já que **você parece que tem um amor tão grande por isso**
 Inf.: é:: **eu** acho que tem... é::... as plantas realmente tem que gostá(r) **eu** acho que as plantas... acompanham um po(u)co**minha** vida porque quando **eu** comecei trabalhá(r) comecei... trabalhá(r) com plantas... [Doc.: é?] por exemplo [Doc.: é] lá quando **eu** comecei trabalhá(r)... é:: pra plantá(r) o a muda de café... é:: tinha um um processo pra desinfetá(r) a terra... [...] então fazia-se um suporte... com preguinho emba(i)xo e punha aquelas latinhas... aí fazia toda aquela cobertura naquela terra c'a lona e ia baten(d)o as latinha... pra desinfetá(r) essa terra... então tem todo um processo então **eu** aprendi... a enxertá(r) laranja fazia enxerto de laranja
 (AC-114-RP-454/471)
- b. Parece que você tem um amor tão grande por isso
 (Contraparte sem alçamento)

A construção com Alçamento representa uma clara coincidência entre o sujeito do predicado *parecer* e o tópico (as formas pronominais de 2PS e de 1PS empregadas, respectivamente, no turno do documentador (Doc.) e no turno do Informante (inf.) para identificar, ambas, a pessoa do informante, considerada tópico no discurso multiproposicional). Do ponto de vista das restrições aplicáveis ao tópico, o pronome *você* é definido, em decorrência de, no discurso, fazer referência ao interlocutor; tem um papel funcional e ocupa a posição inicial da frase. Por outro lado, também há uma restrição de seleção, imposta pelo predicado da oração encaixada, quanto ao tipo de sujeito: somente sujeitos animados podem possuir outras coisas. Portanto, o Alçamento é um tipo de tópico marcado, uma vez que o Constituinte alçado ocupa uma posição antes vazia, característica dos predicados impessoais.

Outro fenômeno também relacionado ao Alçamento é o de deslocamento à esquerda. Essas construções diferenciam-se das construções com topicalização pelo vínculo que aquelas mantêm com um elemento correferente no interior da sentença comentário, vínculo que pode ser estabelecido com elementos que desempenhem diferentes funções sintáticas, conforme discutido a partir da ocorrência em (5).

- (5) a. Inf.: [...] fala pra mim... falo –“mas... como que você::... éh:: desse jeito éh:: cê num tem experiência num sei que tem”– [Doc.: ((risos))] urutago... já viu urutago?
 Doc.: já::
 Inf.: então... **urutago é difícil do cê vê ele...** [Doc.: uhuh] lá no meio da seringue(i)ra eu achei um que tinha/
 O (AC-063-NR-721/750)
- S b. É difícil de você ver ele [urutago]
 N (Contraparte sem alçamento)

urutago apresenta as mesmas restrições aplicáveis ao tópico: relevante no discurso, definido e ocupa posição inicial da frase. Em contrapartida, esse SN é

correferente ao pronome ele, na oração encaixada, o que comprovaria que o tópico tem vínculo com um correferente na sentença comentário. Problematiza-se, portanto, que construções como essa podem ser casos limítrofes entre o Alçamento e o Deslocamento à Esquerda, uma vez que ambos preveem que o Constituinte alçado tem uma vinculação semântica (ou nocional) com o predicado da oração encaixada, mas contrai, nos limites do predicado da oração matriz, relação sintática. No exemplo em análise, o Constituinte alçado ou deslocado à esquerda, quando topicalizado é codificado como sujeito do predicado matriz, mas, na sentença comentário, é codificado como seu objeto direto. Entretanto, tal limite não nos parece prejudicial para a leitura de alçamento, uma vez que, segundo Barnes (1986 apud GARCIA, 2014), nos casos de deslocamento à esquerda, são raras as ocorrências com estruturas que não são sujeitos oracionais.

Henriques (2008) apresenta construção com Constituinte alçado semelhante a essa de deslocamento à esquerda: seriam os casos de *hiperalçamento*. Em linhas gerais, o hiperalçamento pode ser definido como um “[...] alçamento do sujeito da subordinada para a posição à esquerda do verbo de alçamento com manutenção da flexão nos dois verbos, o da matriz e o da oração encaixada.” (HENRIQUES, 2008, p. 11). Tal descrição, reforça a ideia de que o Alçamento e o Deslocamento à Esquerda são fenômenos semelhantes, o que não inviabiliza uma leitura de Alçamento para construções funcionalmente motivadas de Deslocamento.

2. METODOLOGIA

Procedemos a uma investigação empírica do fenômeno de alçamento, por meio da análise de dados de amostras de fala do Projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), representativas do século XXI, compiladas no Banco de dados Iboruna, composto de março de 2004 a setembro de 2007, a partir de rigorosa coleta de dados, abrangendo sete municípios da região noroeste, a saber: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiguá, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. Para nossa análise, consideramos os dois tipos de amostras de fala disponíveis no banco de dados: (i) Amostra Censo (AC) e (ii) Amostra de Interação Dialógica (AI).

A rica literatura sobre o Alçamento de constituintes permitiu-nos levantar os seguintes critérios que nos parecem suficientes para o reconhecimento de construções passíveis de Alçamento.

- (i) Relação de complementação oracional entre um predicado matriz impessoal e uma oração encaixada, o que inclui somente casos de orações subjetivas.
- (ii) Algum ajuste morfossintático no novo domínio do constituinte alçado.
- (iii) Reconhecimento de uma contraparte sem alçamento equivalente.
- (iv) Oração encaixada na forma finita e não-finita.

(v) Relação temática clara entre constituinte alçado e o predicado encaixado;

(vi) Necessidade de o sujeito ou o objeto estar claramente expresso, não sendo aceitos casos de anáfora zero, mesmo que seus referentes sejam passíveis de serem recuperados contextualmente.

Sobre o parâmetro (iii), construções com contraparte sem alçamento serviram-nos apenas de parâmetro auxiliar para monitorar e testar dados efetivos de alçamento e não fazem parte, portanto, de nossas análises.

Levantamos as ocorrências de Alçamento a Sujeito⁷ (ASS, de sujeito a sujeito, e AOS, de objeto a sujeito) com base na seleção dos predicados descritos em estudos sobre o Alçamento, tanto tipológicos, como não tipológicos (cf. ANDRADE, 2016). A partir dessa análise, identificamos os predicados mais frequentemente citados na literatura como instanciadores de construções de ASS (*parecer, demorar, custar, calhar e difícil*) e de construções com AOS (*difícil, fácil, impossível, complicado e simples*).

Em decorrência de nosso objetivo, tomamos como parâmetros de análise, aqui, apenas fatores discursivo-pragmáticos. Nesse sentido, em relação às demais propostas de descrição do alçamento, avançamos ao considerar a Sintaxe como uma estratégia de organização frasal para um determinado fim comunicativo. Assumimos, assim, que um SN caracteriza-se como tópico na medida em que é retomado e designado como tal em um número sucessivo de orações, i.e., dentro do discurso multiproposicional, um SN é tomado como tópico (GIVÓN, 1979; 1992).

No processo de continuidade tópica, diversas estratégias são utilizadas, dentre elas a retomada pronominal e a descrição desse SN. Dessa forma, conceber um SN como relevante para o desenvolvimento do tópico implica considerar as retomadas, independentemente das estratégias utilizadas. Consideraremos, portanto, que, quanto mais relevante para o desenvolvimento do tópico, maior chance um SN tem de ser alçado.

Outro parâmetro de análise diz respeito ao estatuto informacional do constituinte alçado. Teoricamente, os SNs empacotam a informação dada, nova ou inferível pelo contexto, levando-se em consideração o fluxo informacional. Chafe (1976) define o fluxo informacional como a forma utilizada pelo Falante para empacotar a informação, antes de apresentá-la ao Ouvinte. Essa organização tem recebido, entre outros nomes, os de “Dado/Novo” (CHAFE, 1976); “Ativado/Novo/Acessível” (CHAFE, 1987); “Dado/Novo” (HALLIDAY, 1994); “Evocado/Inferível/Novo” (PRINCE, 1981). O Falante, ao estruturar sua fala, organiza as informações em unidades, denominadas de *Unidades Informacionais*. Cada unidade apresenta um elemento “dado”, acompanhado de um elemento “novo”. Givón (2001a) afirma que em orações o sujeito tende a ser codificado como uma informação dada, portanto, já conhecida pelo Ouvinte, assumindo uma posição não marcada, ao passo que o objeto, em posição pós-verbal, assumiria o empacotamento de uma informação nova.

Chafe (1976), de uma perspectiva cognitiva, afirma que *informação dada* é aquela que o Falante supõe estar no foco de consciência do Ouvinte, enquanto *informação nova*, na sua memória de longo termo. Textualmente, Prince (1981)

focaliza o estatuto informacional dos referentes em termos da organização textual, citando, para tanto, um modelo de discurso que contém entidades, atributos e laços entre as entidades (WEBBER, 1978 apud PRINCE, 1981, p. 235). Segundo a autora, as entidades são como ganchos, nos quais se penduram os atributos, sendo organizados em três tipos de informação: *Nova, Evocada e Inferível*. Entidade nova é aquela que o Falante introduz pela primeira vez no discurso, podendo ser completamente-nova, quando o falante entende que não há familiaridade por parte do Ouvinte e precisa explicitá-la completamente, ou não-usadas, quando o Falante supõe que seja conhecida pelo Ouvinte. As entidades completamente-novas subdividem-se em ancoradas, quando o SN faz referência a outra entidade já mencionada no texto precedente e não-ancoradas, quando não ocorre esta referência. Entidade evocada é aquela que já foi citada anteriormente no texto e pode se dividir em entidades textualmente evocadas e situacionalmente evocadas. Entidade inferível ocorre quando o referente do SN é pressuposto como identificável pelo Ouvinte, podendo ser inferível não-includora, deduzidas do texto a partir de outras entidades evocadas ou inferíveis, ou includora, representada por um SN contido dentro do SN que representa a entidade classificada como inferível includora.

Assumimos, aqui, a definição mais textual oriunda da taxonomia de Prince (1981). SNs com estatuto informacional *dado* são aqueles que retomam, textualmente, entidades já mencionadas no discurso multiproposicional. O estatuto informacional *inferível* diz respeito aos SNs que podem ser retomados pelo contexto, estando ou não ancorados). Quanto aos SNs novos, são aqueles apresentados pela primeira vez no discurso, não tendo sido referenciados, muito menos sendo passíveis de identificação no contexto.

Levantadas as ocorrências, definimos padrões de alçamento, a partir do cruzamento de parâmetros acima descritos, os quais foram aplicados consistentemente a cada uma das ocorrências levantadas, por meio do programa *Goldvarb*.

3. RESULTADOS

Os parâmetros discursivo-pragmáticos configuram-se como fundamentais na definição do fenômeno. Consideramos, portanto, fatores que abrangem mais do que a morfossintaxe, como tem sido feito na literatura. Portanto, os parâmetros discursivo-pragmáticos configuram-se como uma proposta de verificar a funcionalidade do fenômeno na organização textual tópica. A relevância tópica do constituinte alçado é proposta aqui para ser verificada em função de seu estatuto informacional, como mostram os dados na tabela 1.

Tabela 1. Tipos de alçamento e Estatuto informacional do constituinte alçado.

Estatuto informacional do constituinte alçado/ Tipos de alçamento	ASS	AOS	Total
Dado	84,3% (27/32)	15,7% (5/32)	76,1% (32/42)
Inferível	70% (7/10)	30% (3/10)	23,9% (10/42)

Total	80% (34/42)	20% (8/42)	100% (42)
--------------	----------------	---------------	--------------

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observe-se, primeiramente, na tabela 1, que não ocorre, nos dados levantados, constituinte alçado portador de informação nova, apenas de informação dada (76,1% = 32/42) ou, no máximo, inferível (23,9% = 10/42). Tanto no ASS (79,4% = 27/34) quanto no AOS (62,5% = 5/8) prevalecem constituintes portadores de informação dada. Em (6) e (7), seguem ocorrências de cada fator do estatuto informacional do constituinte alçado por tipo de alçamento. Os constituintes sublinhados ao longo do discurso constituem pistas para avaliação estatuto informacional como dado ou como inferível.

(6) ASS

a. **Com constituinte alçado portador de informação dada**

Inf.: NÃO num é que é ruim né? é que os alu/ acho que é porque::... o::/ acho que os professor deve tá cansa::do sei lá os aluno num::/... num colabora tam(b)ém né? os aluno de manhã assim né?... todo mundo tá despertan(d)o né?... os professor tá até com vont/ tá até com vontade de dá(r) uns grito né?... agora à noite é difícil o professorquerê(r) gritá::(r) né? que já tá cansa::do é difícil o professorquerê(r) controlá(r) a sa::la né? que irrita... tem professor que controla até só que tem professor que não né?... (só) tem um professor lá que:: todo mundo fica quieto na sala... tem professor que::... todo mundo fica bagunçan(d)o né?... e:: à noite acho que todo mundo tá cansa::do né?... que é muit/ muito difícil encontrá(r) alguém que trabalha de noite que num est/ que estuda de noite e num trabalha na parte do dia né?... e à noite éh::... acho que::... tudo::/ os professor também tá meio cansa::do eu acho que::... eu num sei né?... eu a::cho que é:: por isso né? que os professor tá meio cansado e o::... de manhã... os professorpoéh::...parece que prePAra tudo né? acho que eles dá/ acho que eles se dedica mais no:: período de maNHÃ... de TARde do que nos período da noite... porque:: os alunos tam(b)ém num dão muito interesse no período da noite... os aluno eles eles num se interessa né? que é difícil alguém se interessá(r) por:: por estudo né?

(AC-015-RO-813/828)

b. **Com constituinte alçado portador de informação inferível**

e:: eu vejo tam(b)émalunos que apanham dos pais... que os pais... às vezes num/ num tem uma conversa... acha que se batê(r) vai resolvê::(r)... ou num sei... às vezes a criança parece que num Ø tem limite nenhum... e fala que o pai bate... então às vezes eu penso que o pai bate... pra impor um limite que ele não impôs... que ele num impo/ num impôs antes quando as crianças eram pequenas

(AC-116-RO-300/318)

(7)

AOS

a. **Com constituinte alçado portador de informação dada**

muita das vez a pessoa fala –“(num é isso aqui não)”– fala pra mim... falo – “mas... como que você::... éh:: desse jeito éh:: cê num tem experiência num sei que tem”– [Doc.: ((risos))] **urutago**... já viu **urutago**?

Doc.: já::

Inf.: então... **urutago é difícil do cê vê ele**... [Doc.: uhuh] lá no meio da seringue(i)ra eu achei um que tinha/

Doc.: ele conhece o ⁸³[campo] ⁸³[Inf.: é] dele

(AC-063-NR-721/750)

C

b. **Com constituinte alçado portador de informação inferível**

Doc.: M. éh:: cê tava me falan(d)o que cê sabe fazê(r) **bolo** num é?

Inf.: geralmente as coisa que eu faço eu faço tudo por receita ¹[a única coisa que eu lembro mais como é que se faz]

Doc.: ¹[cê pode me ensiná(r) como é que?]

Inf.: a única coisa que eu lembro mais como que e faz é o... **um bolo**... de brigade(i)ro que geralmente (eu fiz) vária vezes... e eu lembro de alguma coisa... a última vez que eu tentei ensiná(r) pra alguém eu esqueci **um ingrediente** muito importante que eu também não lembro qual é que é... [Doc. e Inf.: ((risos))] **o bolo**... era um **bolo de chocolate** né?... de brigade(i)ro... ele vai::... geralmente **farinha é complicado falá(r) quanto vai**... a receita fala que vai três copos mas eu coloco até:: ele ficá(r) cremoso...

(AC-050-RP-293/302)

tatar nos dados do córpus, constituintes portadores de informação nova nunca intervêm em construções com alçamento. Ser portador de informação dada ou inferível, no entanto, não impele o constituinte a um tipo específico de alçamento; apenas contribui para sua caracterização mais prototípica: a de ser, na grande maioria dos casos, informação dada para ambos os tipos de alçamento.

A topicalidade e, por consequência, a forma como o Falante estrutura o fluxo da informação parecem ser fatores delimitantes para o Alçamento. Se tomamos como pressuposto a noção de que o Alçamento é um fenômeno morfossintático, cuja motivação reside na Pragmática, há de se considerar que, na codificação morfossintática dos enunciados, constituintes mais tópicos no discurso multiproposicional tendem a ocupar posições mais à esquerda, sendo, portanto, alçados, topicalizados ou deslocados para essa posição. Nesse sentido, retomando a proposta de Givón (2001b), ao relacionar a topicalidade com a recorrência de um referente em determinado trecho do discurso multiproposicional, há de se considerar sua importância temática, demarcada pelo estatuto informacional assumido por esse referente no discurso, o que significa dizer que SNs que empacotam informações novas dificilmente (senão improvavelmente) serão alçados, situação que decorre da propriedade natural do sujeito de ser informação dada, já conhecida (propriedade que também é a do tópico). O Alçamento, portanto, é um tipo de construção de marcação de tópico.

A relevância tópica do constituinte alçado em uma porção do discurso

(8) **Relevância tópica do constituinte alçado ao longo do discuro multiproposicional**

é **Tópico discursivo**: os passarinhos como alerta de perigos na mata

é fator definitório do fenômeno, como exemplificado em (8).

Inf.: um passarinho... o/... a pessoa tem que prestá(r) atenção no passarinho...
[Doc.: uhum] **um passarinho te avisa do seu** (inint.)... ⁷²[do perigo... do perigo]
⁷²[Doc.: sim::... verdade] o::cêscutô(u)um::... **um joão-de-barro** brabo
cêscutô(u) um **anucêscutô(u)** um::... **quero-que::ro** um **pica-pa::u**... um tiu/
Doc.: é algum perigo

Inf.: alguma ⁷²[coisa tem] ⁷²[Doc.: por perto] por ali... ⁷³[Doc.: quando ele se sente
ameaçado ele/] ⁷³[muitas das vez] muitas das vez/ **eles** vê né?... **eles** vê [Doc.:
aham]... então muitas das vez ocê escuta cê tem que prestá(r) atenção (num tá)... tá
lá... pode sê(r) uma **seriema**... [Doc.: uhum] porque **seriema** eles num::... **seriema**
acaba com tudo tam(b)ém

Doc.: acaba? eu já vi passando ⁷⁴[por aqui]

Inf.: ⁷⁴[filhote] de passarinho o ⁷⁵[vo (depois)]

Doc.: ⁷⁵[é:: eu já vi] bastante **seriema**

Inf.: **eles** (a)caba com tudo... então **eles** se sente ameaçado [Doc.: uhum] então **ele**
viu começa... ⁷⁶[fazê(r) barulho] ⁷⁶[Doc.: uhum]... cê vê::... procura... analisá::(r) e
coisá(r) porque se você dá uma bobeadada é o que eu te falo... dá uma bobeadada uma
cobra um::... um **tamanduá::** um::... uma **onça** talvez que TÁ coRRIda de algum
fogo da cana [Doc.: uhum] ou:: **o tamanduá** é:: um absurdo... a força que ele tem
é um absurdo [Doc.: uhum] é medonho... ele é lerdo mas é::... ⁷⁷[é terrível]
⁷⁷[Doc.: é forte né?] e as unha dele é isso aqui óh ((mostra com as mãos))... se ele
batê(r) a unha n'ocê... ele não solta... ⁷⁸[Doc.: **ele é perigoso**] ⁷⁸[ele não solta]
então éh... um rastro no caminho que você vai in(d)o trabalhá(r) cê tem que... tê(r)
a noção se é um rastro de... por exemplo... de meia ho::ra de uma ho::ra::... de
madruga::da:: mais:: na meia noite então cê tem que tê(r) a noção porque ⁷⁹[se
você] ⁷⁹[Doc.: uhum] passá(r) ali... você vê um rastro::... d'um bicho d'um
animal... que passô(u) ali dentro de dez minuto... ele tá por ali... [Doc.: então tá
perto né?] depende pra ⁸⁰[onde você vai] ⁸⁰[Doc.: uhum]... ele está por ali porque
dentro de dez minuto ele num ⁸¹[anda muito] ⁸¹[Doc.: uhum]... ele andô(u) a noite
inte(i)ra... e:: que nem **a onça lá que eu vi**... o rastro dela... se ela continua
baten(d)o ali... direto... passan(d) ali... então a morada dela é ai por perto... só que
não ela veio ela pegô(u) o tatu... co/ levô(u) o tatu... lá onde ela se/ ela num se
sentia ameaça::da comeu ⁸²[o tatu] ⁸²[Doc.: come::u]... saiu e foi embora... [Doc.:
uhum] depois daquela vez ela passô(u) mais uma vez [Doc.: uhum::] então... é
uma cois/... o(u)tra coisa tam(b)ém tem a pessoa (ainda aí)... muita das vez a
pessoa fala –“(num é isso aqui não)”– fala pra mim... falo –“mas... como que
você::... éh:: desse jeito éh:: cê num tem experiência num sei que tem”– [Doc.:
((risos))] **urutago**... já viu **urutago**?

Doc.: já::

Inf.: então... **urutago** é difícil do cê vê ele... [Doc.: uhum] lá no meio da
seringue(i)ra eu achei um que tinha/

Doc.: **ele** conhece o ⁸³[campo] ⁸³[Inf.: é]dele

Inf.:... e eu achei **um**... de dia de noite cê num vê Ø escuta o ⁸⁴[canto] ⁸⁴[Doc.: é]
de dia não... eu achei **um**... no meio da serigue(i)ra... apesar... todo mundo foi lá
vê... e eu vi **ele** na seringue(i)ra eu falei –“**esse bicho** tá chocan(d)o”– devido o
tipo que ele fica:: cê tem que tê(r) a noção né? [Doc.: uhum]... eu falei –“**esse
bicho** tá so/ tá chocan(d)o”– dentro de Uma... uma ou duas semana... eu vi a pena
dele... estufada assim... **ele** choca no pau né?... **ele** num faz ninho [Doc.: ah:: tá
((espantada))] então **ele** bota o ovo o pau tá aqui **ele** fica ⁸⁵[assim] ⁸⁵[Doc.: uhum]
ele bota o ovo e fica ali cra/ o ⁸⁶[inint.] ⁸⁶[Doc.: olha] **ele** e o ovo ali... [Doc.:
no::sa] ((risos)) é:: aí o fiotinho vai nascen(d)o [Doc.: hum] e **ele** fica ali o fiotinho
fica ali... e conforme ele vai crescen(d)o **ele** vai fican(d)o/ **ele** fica ali... [Doc.: não
sabia] aí eu peguei... e falei pra eles... eles foram tudo mundo lá vê(r)... queria
tirá(r) foto queria chamá(r)... a Rede Globo pa ((risos)) (inint.) é pafilmá::(r) e... a
T.V. Tem e têtê... e cê vai ven(d)o:: e **os fiotinho** vai crecen(d)o crecen(d)o eu

falei –“olha **ele** tá com fiote...(inint.)”– eles foram lá deba(i)xo... olharam a árvore e não conseguiram vê **ele**... PRA eles... que nunca tinha ⁸⁷[visto fiote] ⁸⁷[Doc.: uhum] eles moraram no sítio né? [Doc.: uhum] eles nunca viu pra ele era um pau... a ponta d’um pau.

No desenvolvimento do tópico discursivo “os pássaros como alerta de perigo na mata”, o informante apresenta diversas retomadas do SN *passarinhos* e dos animais perigosos (*perigo*), o que constrói um script mental, no qual a introdução de determinados referentes nominais no discurso faz com que eles sejam inferíveis no contexto, como é o caso dos nomes de passarinhos (*joão-de-barro, anu, quero-quero, pica-pau, seriema, urutago*) que alertam para o perigo e dos animais perigosos (*cobra, tamanduá, onça*).

No transcorrer do discurso multiproposicional, a seleção do SN *urutago*, inferível no contexto comunicativo, por ser um tipo de pássaro, faz com que, ao ser retomado na construção com alçamento, seja uma informação dada (já evocada no discurso e, agora, retomada como tópico discursivo da porção textual que se segue). A própria construção com alçamento é uma avaliação de um estado de coisas (*ver urutago*) por parte do informante, o que reforça, mais ainda, a noção de que o SN alvo de alçamento é tópico no discurso e relevante para a construção tópica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estatuto informacional do constituinte alçado mostrou que a única restrição é a de que constituinte alçado portador de informação nova está excluído do fenômeno de alçamento. No entanto, verificamos que “ser portador de informação dada” é característica prototípica de constituinte tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Ao mesmo tempo, informação tanto inferível quanto dada contribuem para a identificação da relevância tópica do constituinte alçado ao longo do discurso multiproposicional, o que se explica pela propriedade tópica que constituinte assume na construção do tópico discursivo de que ele participa.

Alçamento, portanto, parece ser um fenômeno bem mais ligado à topicalização do que um fenômeno próprio. Se observarmos o Quadro 1, notamos semelhanças entre as construções com Constituinte alçado e as topicalizadas, seja por topicalização, seja por deslocamento à esquerda.

Quadro 1. Comparação entre SNs alçados, topicalizados e deslocados à

esquerda.

Fatores	Construções com constituinte alçado	Construções com constituinte topicalizado	Construções com constituinte deslocado à esquerda
Restrições semânticas aplicadas ao SN	+	-	-
Posição inicial da sentença	+	+	+

Retomada por um pronome correferente	+/-	-	+
Codificação de informação nova	-	-	-
Presença de duas orações	+	+/-	+/-

Fonte: Elaborado pelo autor.

A topicalização seria o processo pragmático com mais formas de expressão na morfossintaxe, uma vez que ocorre em orações independentes e subordinadas. Nesse sentido, a possibilidade de derivação de frases, i.e., a variação na forma de codificação dos enunciados seria resultado de um processo de *topicalização* de constituintes, que se daria, sintaticamente, com a predominância dos expedientes sintáticos de alçamento, de apagamento, de condensação (no âmbito das relações intrafrasais), de apagamento, de relativização (no âmbito das relações interfrasais).

Construções com alçamento podem ser interpretadas como construções de tópico marcado, o que nos faz supor que a topicalização seria um fenômeno pragmático superordenado que inclui tipos e subtipos de alçamentos. Obviamente, cada fenômeno não se realiza aleatoriamente, mas segundo determinadas regras e condicionamentos sintático-semânticos, que consideram a valência dos constituintes até a determinação dos papéis semânticos. Se tomamos, por exemplo, a forma de expressão da oração, a Topicalização pode ocorrer com orações independentes ou subordinadas, mas o Alçamento ocorre apenas com orações subordinadas – o que indica uma restrição morfossintática para o fenômeno.

O Alçamento apresenta restrições quanto a sua ocorrência, seja para o tipo de constituinte alçado (no PB, apenas SNs podem ser alçados), seja para a oração que instancia o fenômeno (apenas orações encaixadas em posição argumental de sujeito). Para além dos aspectos morfossintáticos, construções com Alçamento, na literatura, são também concebidas como resultantes de parâmetros semânticos (e.g., o tipo semântico do predicado matriz) e de um processo pragmático de topicalização. Propomos, então, que essas construções seriam bem mais um subtipo de construção de tópico, do que meramente um outro tipo de fenômeno. Nesse sentido, a Topicalização seria um fenômeno mais amplo que englobaria construções com focalização, com topicalização, com deslocamento à esquerda, com alçamento, entre outros.

Topicalization phenomena: the case of constituents raising in PB

ABSTRACT

The linearization of argumentative and non-argumentative constituents has been studied in the linguistic literature, with emphasis on two aspects: (i) the differentiation between marked and unmarked constructions in languages and (ii) the identification of discursive-pragmatic phenomena and semantic-cognitive that interfere in the unmarked coding, indicating constituents that have some cognitive salience in the context of representation. For PB, it has been assumed that the unmarked order is the SVO, often found in simple declarative sentences. In this way, phenomena, such as Topicalization, can alter this ordering, making it flexible in the SVO order. Other factors may also motivate, such as: linguistic heritages (e.g., languages of contact), morphosyntactic phenomena (e.g., sentence reduction and placement of the subject in Portuguese) or even functionally motivated phenomena (e.g., Elevation). We aim, in this work, to identify the phenomenon of the Topicalization as motivator, from a subtype of this: the Elevation. We intend, therefore, to locate these constructions as being pragmatically motivated, thus showing the influence of pragmatics in the way PB encodes the items in their constituent ordering.

KEYWORDS: Constituent raising. Topicalization. Constituent order.

NOTAS

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Estudos Linguísticos (UNESP/IBILCE). E-mail: andrade.ibilce@gmail.com

³ Aparentemente, os pronomes em destaques, nos exemplos (1a) e (1b), estão em posição de sujeito. Contudo, devemos considerar que sua funcionalidade fórica somente lhes permite retomar um termo já expresso no discurso multiproposicional e, portanto, mesmo que, aparentemente, estejam ocupando posição típica do sujeito, são, na verdade, traços morfossintáticos do constituinte codificado em posição de tema.

⁴ A seleção de argumentos é característica apenas de predicados de controle, como aponta Andrade (2016). Predicados de alçamento não apresentam relação de seleção com o argumento da oração principal, mas, sim, com o predicado da oração encaixada, sendo possível produzir estrutura como *O livro parece ter sido comprado na Bahia*, mas, não, **O livro parece morar na Bahia*.

⁵ Obviamente, aqui, reduzimos a proposta de Greenberg (1963) apenas ao nível oracional, em decorrência de nosso interesse pela codificação das orações, principalmente, daquelas que ocorrem em posição argumental de sujeito do predicado matriz.

⁶ Disponível em <<<http://www.unesp.iboruna.ibilce.unesp.br>>>.

⁷ Trata-se do tipo mais recorrente de construção (cf. ANDRADE, 2016).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. S. **Investigação funcionalista do alçamento de constituintes argumentais à posição de sujeito**. Dissertação de Mestrado (Mestre em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista. 2016.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARBOSA, J. S. **Gramática philosophica da língua portuguesa**. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1881.

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Estrutura das frases simples e tipos de frases. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Org.). **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho Editorial, 2003. p. 433-506.

CHAFE, W. L. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. (Org.). **Coherence and Grounding in Discourse**. Amsterdam: John Benjamins, 1987. p. 21-51.

CHAFE, W. L. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, C. N. (ed.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976. p. 27-55.

CUNHA, C.; LINDLEY, C. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIK, S. **The theory of functional grammar: complex and derived construction**. 2. ed. New York: Mouton de Gruyter, 1997.

GARCIA, C. E. N. **As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2014.

GARCIA, O. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1982.

GIVÓN, T. **From discourse to syntax: grammar as a processing strategy**. In: GIVÓN, T. (org.) **Discourse and syntax**. New York: Academic Press, 1979.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v.1. Philadelphia: John Benjamins, 2001a.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v.2. Philadelphia: John Benjamins, 2001b.

GIVÓN, T. **The grammar of referential coherence as mental processing instructions**. *Linguistics*, 1992, 30.

GONÇALVES, S.C.L. **Banco de dados Iboruna: amostras de fala do interior paulista**. Disponível em <<http://www.iboruna.ibilce.unesp.br>>. 2007.

GREENBERG, J. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: _____. (Org.) **Universals of language**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1963.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENRIQUES, F. P. **Construções com verbos de alçamento**: um estudo diacrônico. 112f. Dissertação (Mestrado em Linguística). 2008. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

LI, C.; THOMPSON, S. A. Subject and Topic: a new typology of Language. In: LI, C. (Org.) **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976.

ORSINI, M. T. **As construções de tópico no português do Brasil**: uma análise sintático-discursiva e prosódica. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/ UFRJ, 2003.

PONTES, E. A ordem VS em português. *Ensaios de linguística - Cadernos de linguística e teoria literária*, v. 7, p. 90-137, 1987.

PRINCE, H. F. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (Org.) **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981.

Recebido: 04 mar. 2019

Aprovado: 24 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.9739

Como citar: ANDRADE, Gustavo Silva. Fenômenos de Topicalização: o caso de alçamento de constituintes no PB. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 43-62, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

